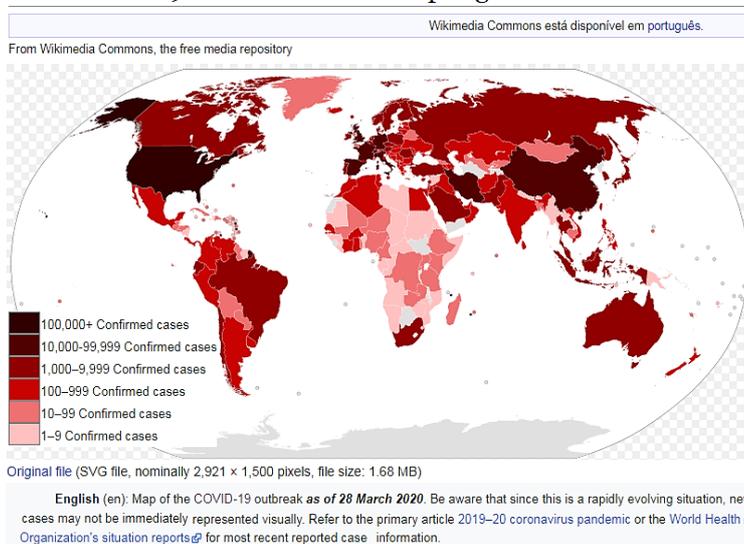


Pandemia e o Serviço Postal.

O Correio do Brasil emitiu recentemente um Boletim com orientações gerais sobre a pandemia que assola o mundo, provocada pelo novo coronavírus (COVID-19). Considerando a classificação da doença como pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS), os Correios adotaram uma série de medidas preventivas para garantir a segurança de todos.

O Boletim estabelece a adoção de algumas medidas de prevenção, como: Orientação para evitar contatos físicos com colegas e clientes, bem como o compartilhamento de objetos; Manutenção de ambientes de trabalho arejados, com janelas e portas abertas para entrada de ventilação natural; Intensificação de procedimentos de higienização e limpeza do ambiente e equipamentos; Afastamento imediato do trabalho de empregados que apresentem algum sintoma da doença; Divisão do efetivo administrativo em turnos, com objetivo de evitar aglomeração nos ambientes de uso comum; Implementação nas agências de linhas delimitando a distância entre o atendente e o cliente; entres outras medidas.

File:COVID-19 Outbreak World Map.svg



Em aproximadamente três meses, desde quando soou o alarme sobre sua gravidade em dezembro de 2019, a epidemia, que se iniciou na China, se transformou em pandemia e já infectou mais de 900 mil pessoas, com mais de 47 mil mortos ao redor do mundo, com o agravante de, apesar das medidas restritivas (de isolamento, por exemplo), se intensificarem cada vez mais os números de pessoas que serão infectadas e mortas, nas próximas semanas.



Selo emitido em 17.03.2020 pelo Irã para homenagear os profissionais (heróis nacionais) que lutam contra o coronavírus (COVID-19). O presidente do Irã, Hassan Rouhani, divulgou o selo numa reunião de gabinete.

Essa pandemia nos recorda de um dos capítulos mais interessantes dentro da apaixonante história postal, que é sobre a saúde pública e a “desinfecção” de correspondências pelos Correios de vários países, sobretudo europeus, em determinados momentos da história.

A maioria das epidemias mundiais sofrida pela humanidade na antiguidade é de origem desconhecida exatamente pela falta de uma descrição mais precisa. A denominação de peste ou praga se aplicava a qualquer enfermidade que se espalhava rapidamente e produzia grande quantidade de mortos, sem distinção de sexo, idade ou nível social, assim, peste servia para designar tanto a epidemia de peste bubônica, como da varíola, de tifo, de cólera ou mesmo da gripe.



Vítimas da Peste, em Elliant. Litografia de Moynet Duveau.

A maior e mais devastadora pandemia na história humana foi a Peste Negra (ou Morte negra), nome pela qual ficou conhecida a pandemia da peste bubônica, que assolou a Eurásia no século XIV, entre os anos 1346 e 1353, e dizimou entre 75 a 200 milhões de pessoas. Estima-se mais ou menos que um terço da população europeia tenha perecido. A doença é causada pela bactéria *Yersinia pestis*, transmitida ao ser humano através das pulgas (*Xenopsylla cheopis*) dos ratos (*Rattus rattus*) ou outros roedores.

Outra praga que reivindicou milhares (senão milhões) de vítimas foi o cólera, com famílias inteiras destruídas e seus mortos enterrados em grandes valas comuns. As epidemias geravam um pânico tão grande nas populações que muitos abandonavam casas e cidades, gerando um grande movimento populacional, todavia, essa mesma debandada provocava a dispersão da enfermidade.

Outra pandemia devastadora foi a Praga de Justiniano, ocorrida no reinado do imperador Justiniano I, causada pela peste bubônica afetou o mundo mediterrâneo, principalmente o Império Bizantino entre os anos de 541 e 544. Estima-se que entre 25 e 100 milhões de pessoas tenham morrido.



Emissão conjunta França/Vietnam, de 2013.

Em 1894, Alexandre Yersin, bacteriologista francês de origem suíça, descobre o bacilo da peste bubônica (*Yersinia pestis*), identificando o rato como o vetor da epidemia.



Robert Koch, médico, patologista, bacteriologista alemão. Um dos fundadores da microbiologia. Descobriu, em 1882, do bacilo da tuberculose (Bacilo de Koch) e em 1883 do *Vibrio cholerae*, o agente causador da cólera.

Peste Negra, Praga de Justiniano, Peste Antonina, epidemias de cólera, tipo, varíola, tuberculose e diversas outras, deixaram um rastro traumático na história da evolução da humanidade, o que exigiu em contra partida ações dos governos, no intuito de prevenir novas epidemias.

Desde a antiguidade já se sabia que as enfermidades epidêmicas eram de natureza contagiosa, embora ainda não conhecesse o veículo transmissor, o que estava claro é que deveria se manter distante do infectado, por isso se impôs a necessidade, a princípio, de proibir a mobilidade de pessoas que estivessem em zonas infectadas a fim de evitar a propagação da epidemia, mas não demorou a se estender a objetos que pudessem ser veículo para as enfermidades.

Logo se considerou que as correspondências também poderiam ser veículos de contágio pelo papel em que estavam escritas, aí surgiu a preocupação e necessidade de desinfetá-las.

Acreditava-se, com base no conhecimento científico da época, que esfumando as cartas (com fumaça desinfetante) ou impregnando a soluções à base de vinagre, poderia purificar as correspondências. Essas operações poderiam ser realizadas por meio de cortes ou furos no papel, a partir da qual os líquidos ou a fumaça penetravam na correspondência para purificação.

Não demorou muito para algumas administrações postais aplicarem o procedimento de desinfecção, principalmente de correspondências vindas de regiões com epidemias. Após o procedimento de desinfecção, aplicava-se do carimbo da agência sanitária, ou simplesmente o carimbo “disinfected”, “disinfettata”, “desinfizirt”, conforme o país, para atestar a desinfecção da correspondência.



Carta desinfetada circulada em 1866 de Roma, Estado Pontifício (atual Vaticano) para Girgenti (Agrigento), na Sicília, com selo de 4 bajocchi. Apresenta cortes para desinfecção por fumaça e papel escurecido devido ao processo.

conforme o país, para atestar a

A administração dos correios dos Estados Pontifícios, por exemplo, utilizava uma espécie de forno giratório onde se colocavam as correspondências. Quando a desinfecção só poderia ser feita por fora, aplicava-se o carimbo “netta fuori e sporca dentro” (limpo por fora e sujo por dentro); quando a desinfecção era feita também por dentro, aplica-se cortes ou furos na carta e, após a purificação, aplicava-se o carimbo "netta fuori e dentro" (limpo por fora e por dentro).



Carimbo "Netta Fuori e Sporca Dentro"

Tudo isso era plenamente justificável. Na Itália, por exemplo, por volta do ano 1855, havia focos de epidemia de cólera. Contudo, com o avanço da ciência médica e a identificação dos micróbios responsáveis por algumas doenças infecciosas, ficou claro que o papel não poderia transmitir o contágio tal como imaginavam.

Para nós, esses acontecimentos, na história da humanidade e postal, ficaram registrados em muitas correspondências, pelos carimbos ou simplesmente por alguns cortes ou furos nas cartas, ou ainda manchadas devido alguma solução desinfetante.

De volta à realidade atual, diante da pandemia provocada pelo novo coronavírus, ressurgiu como nunca essa antiga preocupação. Considerando-se a capacidade de transmissão do vírus, sua letalidade, bem como sua resistência em determinados meios, é de se levar em conta o quadro preocupante, sobretudo quanto à sua disseminação.

Já se sabe que o novo vírus resiste em determinadas superfícies. Segundo o Portal Fiocruz, embora faltem estudos específicos, parece que o vírus que causa o COVID-19 se comporta como outros coronavírus, que podem persistir em superfícies por algumas horas ou até dias. Outro estudo publicado na revista científica "New England Journal of Medicine" afirma que o coronavírus responsável pela doença Covid-19 consegue sobreviver até três dias em algumas superfícies, como plástico ou aço. Em papel ou papelão, sobrevive por cerca de até 24 horas.



1953 - Alemanha. Ignaz Philipp Semmelweis.

Diante disso, é aceitável possibilidade de transmissão do vírus alojados em determinadas superfícies, podendo o tempo variar conforme as condições de temperatura ou umidade do ambiente. Isso lança um alerta geral e altera completamente a rotina de todos, com reflexos na vida pessoal, social, política e econômica.

Para quem está no grupo de risco, receber uma simples correspondência torna-se um desafio, pois chegam, muitas vezes, de regiões consideradas epicentros de contaminação. Por outro lado, e aqui a preocupação maior, o risco de contaminação na parte final do processamento do serviço postal, como a manipulação na triagem ou distribuição das correspondências.

Assim, todo cuidado com a assepsia é pouco. A higienização torna-se extremamente necessária.

Em 1953 a Alemanha emitiu um selo em homenagem ao médico húngaro Ignaz Semmelweis, conhecido como o pioneiro dos procedimentos antissépticos. Descrito como o "salvador das mães", descobriu que a incidência de infecção pós-parto (febre do parto) poderia ser drasticamente reduzida pelo uso da desinfecção das mãos em clínicas obstétricas. Na metade do século XIX, a infecção, frequentemente fatal, era muito comum nos hospitais. Em 1847, Ignaz, após comparar duas clínicas, em que uma tinha uma taxa de mortalidade três vezes superior devido à febre puerperal, propôs então a prática de lavar as mãos com hipoclorito de cálcio, reduzindo drasticamente as mortes das mães. Assim, em tempos de COVID-19, a assepsia é sempre a melhor vacina. Cuide-se!



Forno usado para desinfecção de cartas. Museo Storico della Comunicazione di Roma.



Detalhes de carimbos de desinfecção